CADERNO 2+
caderno2@grupoatarde.com.br

Divulgação

SHOW *O Choro na Bahia*
Com bandolinista Ailton Reiner e banda. Hoje, 20h, R$ 30, R$ 50 (casal), Varanda do SESI Rio V.

ENTREVISTA João Carlos Salles, Reitor da UFBA

"FAZEMOS BALBÚRDIA PORQUE DIZEMOS NÃO À BARBÁRIE"

GONÇALO JUNIOR
Especial para A TARDE

Raul Spinassé / Ag. A TARDE / 19.02.2020

No dia 19 de agosto de 2022, uma sexta-feira, o filósofo João Carlos Salles deixa o cargo de reitor da UFBA, que ocupou por dois mandatos, durante oito anos, metade desse tempo em um dos momentos mais sombrios do conhecimento no Brasil. A instituição baiana, aliás, foi apontada pelo então Ministro da Educação Abraham Weintraub, no dia 29 de abril de 2019, como alvo de cortes de recursos por supostamente não apresentar desempenho acadêmico esperado e por fazer o que definiu como "balbúrdia". O mesmo aconteceria nas também conceituadas Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade de Brasília (UnB).

Além de enfrentar a crise que seguiu, Salles faz de seu novo livro – *Ernst Cassirer e o Nazismo - E Outros Textos Sobre a Proximidade do mal* (Editora Noir) – uma espécie de manifesto a favor da Universidade, que define como um valor tão universal quanto a democracia. A obra será lançada amanhã (15), no Campus de São Lázaro, a partir das 10 horas. O livro termina por traçar um paralelo entre a ascensão do nazismo na Alemanha (a partir do enfrentamento de um filósofo de origem judia e que foi reitor da Universidade de Hamburgo) e o Brasil de Jair Bolsonaro, com sua guerra declarada contra a educação e o saber, o armamento da população e ataques sistemáticos às instituições democráticas.

Nesta entrevista exclusiva para o jornal A TARDE, a seu editor, o jornalista Gonçalo Junior, o reitor da UFBA chama atenção para que a sociedade brasileira não subestime o avanço de ideias e ações obscurantistas que podem levar o Brasil a um dos períodos mais terríveis de opressão de sua história e a uma nova ditadura. Em especial, defende a importância de se preservar as funções essenciais da Universidade e os desafios que enfrentou durante a pandemia.

ERNST CASSIRER E O NAZISMO – E OUTROS TEXTOS SOBRE A PROXIMIDADE DO MAL / JOÃO CARLOS SALLES

Noir / 98 páginas/ R$ 49,90 / Compre com frete grátis: loja.editoranoir.com

Que vínculo existe entre seu livro sobre um filósofo que enfrentou o nazismo e o contexto brasileiro atual?

No livro, procuro afastar a ideia de que o mal se dá apenas pela violência. É bem mais que isso. Quem faz o mal pode até não parecer violento e provocar o mesmo efeito. O mal opera destruindo laços, a possibilidade de as pessoas afirmarem sua identidade. É algo que, digamos assim, opera pelo negativo. Não necessariamente pela violência, enfim, mas pela negação sistemática e, às vezes, sutil.

O mal corrói até fazer o estrago, não é?

Sim, vai corroendo. Como se abolisse a possibilidade do diálogo, da ligação produtiva entre os indivíduos, da construção do coletivo. O mal faz interferir no tecido social uma ferida, uma cunha, uma separação do indivíduo, às vezes até de si mesmo e, por esse caminho, em relação ao outro. Eu diria que, se destacarmos esse aspecto do mal, temos um laço direto do artigo principal do livro, que é sobre Ernst Cassirer, filósofo de grande renome e primeiro reitor judeu de uma universidade alemã, e estes tempos obscurantistas que vivemos.

Por que você foi buscar tão longe esse paralelo?

Por meu interesse em certos temas da filosofia, sempre li Cassirer. Confesso que não valorizava tanto certos textos dele, talvez visse neles um trabalho de comentador mais amplo e menos minudente do que eu desejava. Não lhes dava assim o devido valor, até perceber que

O mal opera destruindo laços, a possibilidade de as pessoas afirmarem sua identidade, vai pelo negativo

Resgato de Cassirer uma preocupação com a Universidade que comporta valores universais

havia em sua trajetória intelectual, em seus trabalhos sobre temas e autores diversos, uma construção sistemática de um sujeito universal que procurava, a todo tempo, resistir ao particularismo, ao negativo, ao reacionarismo, ao racismo, às formas que o nazismo veio enfim a assumir e que é algo que, sim, pode nos acontecer no tempo atual, em nosso país. A ameaça existe e é palpável.

O que percebe nesse sentido?

Passamos a conviver com ataques a direitos individuais e a instituições, de sorte que um mal efetivo assumiu a forma de destruição de políticas públicas voltadas ao interesse do comum, de ataques sucessivos à educação, à ciência, à cultura e às artes. Em seu tempo, por seus meios, Cassirer resistia a tudo isso, e combatia o obscurantismo que se materializava em um provincianismo reacionário e racista, em um nacionalismo agressivo e resistente a medidas mais elevadas da cultura, em formas ideologizadas da cultura que resistiam aos valores da República de Weimar. A obra ganha novo sentido, quando a vemos testemunhar sua defesa do projeto de sociedade, na qual o ser humano é visto como fonte de direitos, um homem que só pode então ser considerado como uma finalidade e jamais como um meio. Afirmava-se assim, como judeu, certamente, mas sobretudo como participante da cultura alemã em sua feição mais universal.

De que modo Cassirer via a naturalização desse mal como política de Estado, intensa e devastadora?

Ele se colocou em franca resistência a tudo quanto ameaçava o estado de direito que caracterizava a República de Weimar. Aliás, como judeu, apesar de seu grande renome, ele tinha tido imensa dificuldade em encontrar um posto na universidade. Com o advento da República de Weimar e, então, com a criação da Universidade de Hamburgo, ele encontrou seu lugar, mesmo sabendo o forte contexto antissemita da nova instituição. Assim, Cassirer atua como um defensor do parlamento, do republicanismo, com o que podemos entender melhor o sentido de sua filosofia da ilustração, projetando um horizonte mais amplo e europeu para a reflexão filosófica.

Essa tendência opressora, tudo nos remete a uma sensação de que assistimos nos últimos três anos a imposição de ideias semelhantes?

Sem dúvida. Esse seu lugar e seu papel, ao lado de sua clareza acerca do que se passava na Alemanha, me fizeram refletir sobre seu gesto decisivo, o de pedir exoneração, em 1933, da Universidade que lhe ampliara o destaque intelectual e lhe concedera o primeiro posto acadêmico estável, tendo sido seu reitor em 1929. Sua carta de exoneração é um documento notável, que traduzi e analisei em meu livro. Cassirer teve a sagacidade de perceber a gravidade da ameaça nazista. E, infelizmente, que podemos ver, no que ele destaca, aspectos semelhantes ao que vemos no Brasil, por exemplo, com as ameaças feitas ao STF e às instituições da cultura.

Ele era reitor e você ocupa esse cargo na UFBA. A escolha dele para o livro se deu por isso ou foi coincidência?

Talvez tenha sido por isso. Não foi mera coincidência. Estando na reitoria da UFBA, ocupo um lugar que tem sido contínua e sistematicamente atacado. Analogias se avivam, mesmo sendo sempre importante destacar diferenças. De todo modo, resgato de Cassirer uma preocupação com a Universidade, que, como a democracia, comporta valores universais. No Brasil, o ataque à instituição tem sido um dos eixos fundamentais deste mal na política brasileira. Ou seja, passaram a visar algo que é exemplo de conhecimento, cultura e arte.

Existe a sensação de que o Brasil está paralisado diante de um governante que não conhece limites autoritários?

Essas investidas sistemáticas não podem ser subestimadas. É, talvez, uma das ações mais graves e perigosas já feitas no país para destruição da civilidade como condição mínima para um projeto de nação que não seja desigual, mas sim profundamente democrática. Por estar neste lugar, talvez tenha percebido analogias com dilemas enfrentados por Cassirer quase um século atrás. Sem dúvida alguma, foi isso que me estimulou a explorar um documento precioso que é a carta de exoneração dele e as razões que apresentou para isso, que são muito fortes.

O que fica claro na leitura do seu livro é que isso funciona também como elo para falar da sua própria vivência no mesmo cargo e também na condição de intelectual.

A experiência de Cassirer naquele lugar e tempo, a tragédia da cultura em função do nazismo que começava a se estabelecer, tudo isso traz lições para nossa experiência de resistência, neste nosso país, neste nosso lugar, em meio a ataques que, distintos ou assemelhados, têm a mesma força de um mal, mesmo quando assumem a forma de uma polidez destrutiva, ou seja, quando se valem de meios racionais para fins nada razoáveis. Talvez até valha corrigir a expressão que usei tantas vezes de uma "polidez destrutiva", referindo-me a ações na área da educação posteriores às agressões da era Weintraub, que nos imputava a condição de só fazermos balbúrdia.

Por exemplo?

Podemos ver em episódios recentes que talvez a ação não seja tão polida, mas certamente é destrutiva. Refiro-me às ações do Governo Federal em relação às universidades, que assumem a aparente forma de decisões orçamentárias (em bloqueios e cortes), mas para realizar uma escolha que recusa a devida prioridade para a educação.

É uma ideologia que quer se impor de forma medieval pela destruição do conhecimento e até da lógica, do racional...

Sim, pela destruição do conhecimento por meios supostamente racionais, mas com uma finalidade absolutamente irracional, que seria a de destruir a universidade pública. Há aí um paralelo, um vínculo, uma análise sobre a experiência de Cassirer, sua reflexão sobre a tirania, às quais acrescento minhas anotações acerca de outras formas do negativo que hoje perpassa a vida pública. Assim, além de Cassirer, procuro refletir sobre a tirania, sobre a violência nas redes sociais, etc.

Uma parte do livro procura mostrar aspectos de necessária reação que a comunidade universitária tem apresentado, não é?

Exato, diante de tantos ataques, em meio a essa confusão entre pandemia e o pandemônio que experimentamos nos últimos anos. Enfim, arrisco no livro uma ponte final, faço emergir uma voz mais pessoal, que mostra a dificuldade da instalação da vida em sociedade, vista porém sendo uma marca pessoal e decerto intransferível, mas sem cujo sentimento talvez não conseguisse organizar minha experiência ou esboçar alguma reação perante, digamos assim, o mistério do mundo. E não é exatamente fácil reconhecer no corpo as marcas indeléveis deixadas pela proximidade do negativo. A sociabilidade, afinal, é ela mesmo um desafio, que precisamos renovar a cada dia.

Por quê?

A ligação do indivíduo com a sociedade é sempre desafiadora e, por vezes, é marcada por algum dano, uma marca, uma ferida. No meu caso, algo que me marcou fortemente, que foi o suicídio de minha mãe. É como se, perante o sofrimento, mesmo o coletivo, eu fosse levado a revisitar esse abismo, no qual identifico em mim uma marca primordial, um dano, dificuldade permanente, mas também imenso fascínio presente na experiência que me associa ao outro e me faz parte de uma sociabilidade. Uma dor profunda, mas tornada em testemunho de outras dores, que já passaram ou que ainda virão, servindo como chaga mas também como amuleto, para reconhecer manifestações sutis do mal e, quem sabe, a elas resistir. Em suma, talvez acredite ou queira fazer acreditar que não compreendemos a tirania e outro mal tamanho sem nos afastarmos da neutralidade ou da indiferença.

Em nenhum momento no seu livro você cita termos como Bolsonaro, bolsonarismo ou bolsominion. Mas o leitor percebe a sua sutileza ao longo dos artigos... Foi uma escolha fazer essa construção?

Mais que uma escolha, é talvez um estilo, um traço de minha intervenção na cena pública. Não posso todavia deixar de afirmar. A escolha do mal pelo país precisa ser passageira, ou nos separaremos do melhor que podemos vir a ser, afundando em um lodo de autoritarismo e exclusão que sempre acompanhou nossa história. E, para além da luta atual e urgente, há algo que talvez torne nosso livro uma obra de interesse mais duradouro. O livro é, em seu conjunto, uma reação específica (e, digamos, filosófica) a políticas imediatistas no ensino público. Essas são políticas de destruição e se traduzem no desmonte ao qual resistimos.

Entre outros temas que trata, encontra suas expressões nas redes sociais, certo?

É onde tem uma substituição aparente do diálogo por uma estrutura de polêmica, de destruição, uma combinação rara de muitas informações e pouca formação, de muitos dados e pouca reflexão. Tudo isso perpassa as redes sociais, tornando-as parte de um perigo. Elas são necessárias, sem dúvida. Mas se forem louvadas apenas como uma técnica podem se tornar um dos abandonos de uma cultura mais profunda, algo que, no seu tempo e com toda diferença da realidade atual, não deixou de ser percebido também por Cassirer.

CONTINUA NA PÁGINA 2